



# INFÂNCIAS E ADOLESCÊNCIAS NA OBRA SOCIAL CRISTO REI: CONTRIBUIÇÃO FREIREANA PARA A POTENCIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Juliana Sampaio da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Educação/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Centro de Educação (CE), julianasampaio16@hotmail.com

Larissa Littig Francisco<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Mestranda em Educação/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Centro de Educação (CE), larissalittig15@hotmail.com

Mário Xavier<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Mestrando em Educação/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/Centro de Educação (CE), mariojx1995@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo desenvolveu-se na *Obra Social Cristo Rei* e como as formas das diversas infâncias e adolescências desenvolvem atividades que visam à cidadania e o apoio pedagógico educacional no âmbito da educação não formal. A metodologia utilizada se inspirou nas pesquisas com os cotidianos. O referencial teórico que norteou a pesquisa é o educador brasileiro Paulo Freire. A realização da pesquisa contribuiu positivamente, nos motivando a desenvolver práticas pedagógicas em espaços de educação não formais.

**Palavras-chave:** Obra Social Cristo Rei, Infâncias e Adolescências, Espaços não formais, Práticas Pedagógicas, Paulo Freire.

## 1. Iniciando os Diálogos

*“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”*

(PAULO FREIRE)

Nesse contexto, situamos como espaço de investigação a *Obra Social Cristo Rei*, que foi fundada pelo Padre Leandro Dello’Homo em 1924 com o nome de Orfanato Jesus Cristo Rei



e que também foi coordenada durante muitos anos pela Irmã Marcelina de São Luiz e pela Congregação Irmãs de Jesus na Eucaristia. Entendermos a necessidade de proporcionar ações voltadas para os *oprimidos* e na busca do estabelecimento de tessituras incipientes as narrativas de experiências das crianças que ali estão e de todas as limitações presentes nos cotidianos vividos por essa comunidade pertencente ao município urbano de Cariacica no estado do Espírito Santo. Nosso artigo tem por **objetivo geral**, investigar as contribuições das práticas pedagógicas em espaços não formais no desenvolvimento social de crianças em situação de vulnerabilidade social, no sentido de nos aproximarmos das questões entrelaçadas no âmbito educacional, político, cultural e social desses sujeitos da história. E como **objetivo específico**, conhecer as atividades pedagógicas que são realizadas na obra social.

## 2. Caminho Metodológico

A partir das vivências com as crianças é possível estabelecer as condições entre a comunidade e a instituição no decorrer desta investigação, na perspectiva da metodologia de pesquisa *com o cotidiano* que é capaz de potencializar, segundo Garcia (2011) “[...] aqueles e aquelas que vêm sendo excluídos e impedidos de aprender a dizer a sua própria palavra de modo que mudem as suas próprias vidas e comprometam-se num processo de mudança social” (p, 38). Isto é, esse tipo de abordagem configura um processo natural por garantir na informalidade instituída da ação educativa a legitimidade daqueles que devem ser escutados e apresentados nas práticas de pesquisa, corroborando assim para que esses digam suas próprias palavras. Realizamos este artigo com instrumentos de pesquisa que nos ocupassem da prática vivida no local de investigação. Ferraço (2007, p. 77) nos ajuda a pensar a *pesquisa com o cotidiano* com os “saberes/fazer” da seguinte forma:

Com isso, assumimos que qualquer tentativa de análise, discussão, pesquisa ou estudo com o cotidiano só se legitima, só se sustenta como possibilidade de algo pertinente, algo que tem sentido para a vida cotidiana, se acontecer com as pessoas que praticam esse cotidiano e, sobretudo, a partir de questões e/ou temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas.

Pontuamos a importância das narrativas destes sujeitos com base sobre suas necessidades pertinentes ao cotidiano, bem como a utilização de filmagens, transcrições e das informações disponíveis sobre a historicidade do lócus de investigação e das conversações com os



funcionários durante as investigações no campo pelos (as) pesquisadores (as) para assim perceber as marcas que estes querem deixar sobre suas provocações nas realidades expostas neste trabalho.

### 3. Contribuição Freireana para o Diálogo

Para sustentação teórica deste trabalho, buscamos conversar com Paulo Freire, sua obra *Pedagogia do Oprimido*, suas ideias pedagógicas, suas concepções educacionais, e principalmente, sua ideologia sobre a pedagogia dos oprimidos e libertação dos oprimidos e dos opressores. É notória a opressão vivenciada pelas classes desfavorecidas por parte da classe burguesa dominante. A violência dos opressores é o que faz com que não sejam humanizados, sentindo-se maiores e melhores do que outros. O que de fato acontece, é que a partir de certo momento o oprimido tornasse opressor, não trazendo libertação para si, nem para quem durante tanto tempo te oprimiu. Freire afirma que

Há em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imita-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada “classe superior. (FREIRE, 1974, p. 48)

A luta pela liberdade somente tem sentido quando os oprimidos ao tentarem encontrar sua libertação, não se tornem opressores de seus opressores e sim libertadores que procuram humanizar-se e humanizar ao próximo, essa humanização ocorre através de práticas pedagógicas. Diante de todo o contexto da sociedade em que vivemos, onde muitos vivem sem serem atendidas se quer suas necessidades básicas, em relação a questões culturais sociais e econômicas, as práticas pedagógicas podem aparecer como consequência à defesa dos direitos humanos de maneira não formal, sendo da mesma forma educativa. Essa prática deve acontecer de forma com que leve os sujeitos da história a refletirem sobre suas práticas, seus contextos e sua sociedade em geral, para que transforme sua realidade, pois segundo Freire:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim,



sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1974 p. 52)

#### 4. Manhã de sexta-feira: experiências com a vida

Na manhã de sexta-feira fomos visitar a Obra Social Cristo Rei localizado no Município de Cariacica. Fomos recebidos pela funcionária Joaquina<sup>1</sup> que nos contou um breve histórico da Obra Social, a missão que tem aquele espaço, os sujeitos (e a idade) que lá vivenciam muitas oficinas. Contam com 17 funcionários, todos assalariados, e são atendidas 98 crianças com idades entre 07 e 14 anos. A organização da ação pedagógica é dividida em três trimestres e em cada trimestre tem um tema. O tema que estava em vigor no momento da nossa visita é o valor da família que visa valorizar o convívio familiar. Joaquina nos levou para conhecer todas as salas na qual são desenvolvidas as oficinas com as crianças e os adolescentes. Para Freire (2001)

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e os valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fato de mudança. Às vezes, preservando determinadas formas de cultura. Outras, interferindo no processo histórico, instrumentalmente. De qualquer modo, para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a textura da sociedade que se aplica. (FREIRE, 2001, p. 10).

Conhecemos as sete oficinas que são desenvolvidas com as crianças, que são elas: a *Sala de Reciclagem*, coordenada por uma professora formada em Arte; a *Sala de Apoio à Leitura*, coordenada por uma pedagoga, que são desenvolvidas atividades dando continuidade aos trabalhos que as crianças e os adolescentes realizam nas escolas que estudam, conhecemos um projeto com a mala viajante, que é uma interação entre os sujeitos e os seus familiares, aproximando os afetos; também conhecemos a *Sala de Informática*, coordenada pelo professor que é formado em analistas de sistemas (tecnólogo), onde são desenvolvidos trabalhos de pesquisas e jogos; a oficina da *Sala de Literatura*, coordenada por uma pedagoga; a *Sala de Instrumentos e Musicalização*, coordenado pelo professor José, com

<sup>1</sup> Todos os nomes utilizados no artigo são fictícios.



licenciatura incompleta em Música; a *Sala de Apoio à Saúde*, coordenada por uma senhora encantadora, onde os sujeitos são atendidos se necessitarem de primeiros socorros e escovação dos dentes. E por último, a oficina de *Recreação Esportiva*, que foi a escolhida para ser abordada neste artigo.

Na oficina de *Recreação Esportiva*, coordenada pelo Professor Daniel formado em Educação Física. Conhecemos o trabalho esportivo que é realizado com as crianças e os adolescentes, mas também compartilhamos experiências e vivências. O professor Daniel morou no Orfanato Jesus Cristo Rei e hoje contribui formando jovens esportistas. Perguntamos sobre os trabalhos esportivos que são realizados naquele espaço e ele informou que naquele espaço, naquela brincadeira de futsal, os sujeitos tem a oportunidade de desenvolver o lado lúdico que habitam em todas as crianças e adolescentes, que através daquelas brincadeiras aqueles jovens esquecem as mazelas sociais vivenciadas em suas realidades distintas. O professor falou que além do esporte, ele trabalha valores com as crianças e os adolescentes:

*— Trabalhar valores no momento de passar a bola, porque a bola também é do outro, é um direito! Aqui tem todo um “trabalhinho” onde trabalhamos valores, é trabalhar o futebol com valores quando “foi mão”, quando a bola “é do outro”, então nisso ele está aprendendo valores também, então há certas brincadeiras, que eles sabem que tem que aprender perder.*

Notamos com a narrativa do professor que as aulas priorizam o respeito de um aluno/a para com o outro e que isso ocorre dentro de um contexto onde as questões de respeito já foram abordadas previamente com as crianças, ou seja, o professor dialoga com as crianças para que haja esse respeito, então há todo um trabalho de diálogo entre professor e aluno/a e Freire salienta a importância desse movimento em uma de suas obras

*Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor o que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição á do educando por si mesmo (FREIRE, 2002, p. 19).*

Sendo assim é de extrema importância que haja esse diálogo entre professor aluno/a no que diz respeito às relações, pois é assim que se constroem os saberes e as práticas de respeito, de forma mútua e coletiva, práticas essas que irão refletir na construção de uma sociedade também de respeito mutuo, pois os espaços de educação são um âmbito perfeito para se



iniciar essas mudanças, pois como nos ajuda a pensar FREIRE (1986) [...] *é nos movimentos fora da escola que se reúne a maior parte das pessoas que sonham com a mudança social.* (FREIRE, 1986, p. 84).

## 5. Concluindo os Diálogos

Com essas experiências na *Obra Social Cristo Rei*, percebemos que o trabalho realizado visa à inclusão social das crianças e adolescentes, oferecendo oportunidades e ensino que, que são negados para a maioria desses sujeitos que são financeiramente desfavoráveis e conseqüentemente tem maior vulnerabilidade social. Através deste trabalho entendemos a importância da pedagogia social e educação não formal e informal para os sujeitos em desvantagem social, minimizando suas vulnerabilidades.

## Referências Bibliográficas

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GARCIA, Regina Leite. **Para quem investigamos – para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador**. In: Regina Leite Garcia. (Org.). *Para quem pesquisamos para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. 3edição. São Paulo: Cortez, 2011, v. 31, p. 15-42.